
Dor e incapacidade funcional da coluna cervical e qualidade de vida de acadêmicos de Odontologia na cidade de Santarém-Pará

Pain and functional disability of the cervical spine and quality of life of Dentistry students in the city of Santarém, Pará state

Thayane Nataly Maia de Albuquerque

ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-9754-6133>

Instituto Esperança de Ensino Superior, Brasil

E-mail: thayanenataly@hotmail.com

Cleuce Cristina de Azevedo Gomes

ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-5607-8667>

Instituto Esperança de Ensino Superior, Brasil

E-mail: cleucegomes@yahoo.com.br

Carlos Vinícius Pereira Porto

ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-7596-0685>

Instituto Esperança de Ensino Superior, Brasil

E-mail: carlosviniciusporto.08@gmail.com

Melina Laíse Nascimento dos Santos

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4267-7007>

Instituto Esperança de Ensino Superior, Brasil.

E-mail: melinalaise@gmail.com

RESUMO

A cervicalgia pode causar limitações funcionais, afetar as atividades de vida diária e a qualidade de vida, incluindo profissionais e acadêmicos da odontologia. Assim, buscou-se analisar a prevalência de dor e incapacidade funcional da coluna cervical e qualidade de vida em acadêmicos de Odontologia de uma Instituição de Ensino na cidade de Santarém-Pará. Trata-se de um estudo descritivo, transversal, de caráter quantitativo, em que se empregou os seguintes instrumentos: Índice de Incapacidade Funcional Relacionada ao Pescoço; Escala Visual Analógica (EVA) de Dor; Questionário de Qualidade de Vida SF-36; e um Questionário Socioepidemiológico. A amostra foi composta por 36 universitários com idade média de $22,52 \pm 3,17$ anos. Houve prevalência de dor cervical em 91,67% da amostra. Destacou-se a incapacidade funcional moderada em 60,61%. A EVA moderada e forte prevaleceu, ambas com 38,87%. O escore médio do SF-36 foi $94,81 \pm 4,42$ pontos. Houve correlação significativa entre a presença de cervicalgia e o domínio dor, e entre o tempo que sente dor com o estado geral de saúde. Portanto, há elevada prevalência de cervicalgia e incapacidade funcional, sendo que a dor cervical interferiu na qualidade de vida da amostra.

Palavras-chave: Cervicalgia; Dor; Qualidade de vida; Estudantes de Odontologia.

ABSTRACT

Cervicalgia can cause functional limitations, affect daily life activities and the quality of life, including dentistry professionals and academics. Thus, it was sought to analyze the prevalence of pain and functional disability of the cervical spine, and the quality of life in dentistry students from an Educational Institution in the city of Santarém, state of Pará. This is a cross-sectional, descriptive study, on the quantitative aspect, which used the following instruments: Neck Disability Index; Visual Analog Pain Scale (VAS); SF-36 Quality of Life Questionnaire; and a Socioepidemiological Questionnaire. The sample consisted of 36 university students with a mean age of $22,52 \pm 3,17$ years. There was a prevalence of cervical pain in 91,67% of the sample. Moderate functional disability stood out in 60,61%. Moderate and severe VAS scores prevailed, both at 38.87%. The mean score on the SF-36 was 94.81 ± 4.42 points. There was a significant correlation between the presence of cervical pain and the pain domain, as well as between the duration of pain and overall health status. Therefore, there is a high prevalence of cervical pain and functional disability, since cervical pain impacts the quality of life in the sample.

Keywords: Neck Pain; Pain; Quality of life; Dentistry Students.

INTRODUÇÃO

A dor na região cervical pode culminar em limitações funcionais, afetar as atividades de vida diária e conseqüentemente a qualidade de vida de indivíduos com diferentes faixas etárias (Silva *et al.*, 2020; Tourinho; Junior, 2020). Trata-se de um problema de saúde pública nomeado como cervicalgia, caracterizado por episódios de dor e redução da amplitude de movimento na região posterior do pescoço, superior das escápulas ou na zona dorsal alta, ocasionado por desordens musculoesqueléticas de origem multifatorial, englobando condições individuais, psicossociais e físicas (Safiri *et al.*, 2020; Sousa *et al.*, 2021; Moreira; Pataro, 2022).

Atualmente, a cervicalgia é considerada um dos maiores incômodos osteomusculares, com impacto significativo na saúde da população, gerando incapacidade e custos econômicos expressivos (Safiri *et al.*, 2020). Isso se deve a grande mobilidade dessa região, sendo comuns os estresses biomecânicos, levando a sintomas de dores agudas e temporárias, lesões crônicas e degeneração de estruturas (Tourinho; Junior, 2020). Além disso, a flexão cervical quando mantida por tempo prolongado pode ser associada a dores agudas e persistentes, sendo comumente observada em profissões como a Odontologia (Moreira; Pataro, 2022).

Esta condição está inserida no grupo de distúrbios musculoesqueléticos e raramente se inicia de maneira súbita, podendo estar relacionada a causas como: movimentos bruscos, esforços físicos, postura mantida de forma prolongada e inadequada, trabalho repetitivo, estresse e traumatismos prévios no pescoço e ombros

(Özdiñç *et al.*, 2019). Segundo Tourinho e Júnior (2020) é a quarta maior causa de incapacidade em adultos, depois da dor lombar, depressão e artralgia e no Brasil sua prevalência é de 20,3% (Moreira; Pataro, 2022). Ainda, cerca de 70% a 85% da população mundial pode desenvolver quadros agudos ou subagudos de dor em qualquer região da coluna, havendo incidência de 12% a 34% de disfunções na região cervical na população adulta jovem, incluindo universitários e profissionais (Silva *et al.*, 2020).

A investigação da capacidade funcional e da percepção da qualidade de vida dos estudantes da Odontologia, também é outro fator de destaque, podendo fornecer uma ampla possibilidade de compreensão sobre as desordens cervicais desta população, uma vez que a dor pode reduzir a qualidade de vida dos acometidos e afetar a funcionalidade (Moreira; Pataro, 2022), sendo que durante as vivências na graduação, em estágio obrigatório e/ou extracurricular, executam Atividades repetitivas que exigem posturas inadequadas por longos períodos (Silva *et al.*, 2017; Brum *et al.*, 2020).

Mediante o exposto, o presente estudo visou analisar a prevalência de dor e incapacidade funcional da coluna cervical e qualidade de vida de acadêmicos de Odontologia de uma Instituição de Ensino Superior (IES) na cidade de Santarém-Pará. Portanto, buscou-se investigar o perfil, a presença e intensidade da dor, se há incapacidade funcional cervical e a qualidade de vida dos participantes, no intuito de embasar a criação e execução de condutas preventivas e reabilitadoras, especificamente para acadêmicos e profissionais da Odontologia.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de caráter descritivo, de cronologia transversal e abordagem quantitativa, desenvolvido com acadêmicos do curso de Odontologia de uma IES em Santarém-PA. A amostra foi composta por universitários de ambos os gêneros, com idades entre 18 e 45 anos, devidamente matriculados, realizando regularmente atendimentos de pacientes odontológicos, seja em estágio obrigatório ou extracurricular. De acordo com informações fornecidas pela Coordenação de Curso da IES, 130 acadêmicos estavam atuantes em áreas de estágio e matriculados no período do estudo.

A amostra foi obtida de forma não probabilística por conveniência. Foram divulgados cartazes nas dependências da IES, folders digitais entre a comunidade acadêmica e panfletos entregues aos universitários nas áreas da Instituição. Estes informes continham dados da pesquisa para que o participante entrasse em contato com

os pesquisadores e se voluntariassem para participar da mesma. A coleta de dados ocorreu nos meses de setembro e outubro de 2023, iniciada após aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) com Seres Humanos, parecer de Nº 6.116.729. Todos os participantes assinaram obrigatoriamente o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Inicialmente, foi realizada uma breve explanação acerca do presente estudo sobre objetivos e importância da pesquisa. Em seguida, cada acadêmico foi submetido a uma entrevista prévia para aplicação dos seguintes instrumentos: Questionário Socioepidemiológico; Escala Visual Analógica de Dor (EVA); o Índice de Incapacidade Funcional Relacionada ao Pescoço e o Questionário SF-36 de Qualidade de Vida. Medidas de segurança foram estabelecidas para prevenção a COVID-19, como: uso obrigatório de máscara, higienização das mãos com álcool em gel 70%, e utilização de materiais individuais para evitar compartilhamento de objetos, como canetas e papéis.

O Questionário Socioepidemiológico foi produzido pelos autores deste estudo, contendo perguntas divididas em três dimensões: atividade física (se pratica e qual a frequência semanal); estágio (se sente dor na região cervical durante o estágio); e dor (há quanto tempo sente e frequência durante o dia). Investigou-se o gênero, faixa etária e etnia. Para os acadêmicos que afirmaram sentir dor cervical, foi avaliada a intensidade pela Escala EVA e aplicado o questionário de Incapacidade Funcional Relacionada ao Pescoço. A EVA é composta por pontuações que variam de 0 a 10, onde 0 é ausência de dor, 1 a 3 dor leve; de 4 a 7 dor moderada e de 8 a 10 dor forte (Bernardelli *et al.*, 2021).

O Índice de Incapacidade Funcional Relacionada ao Pescoço é um instrumento traduzido, adaptado e validado para a língua portuguesa que tem por objetivo informar ao avaliador como a dor na região cervical pode interferir nas atividades de vida diária do avaliado (Cook *et al.*, 2006). É constituído por 10 domínios com 6 alternativas cada, numerados de 0 a 5. Em relação ao cálculo dos escores, soma-se os pontos de 0 a 5, das 10 questões, tendo total de no máximo 50 pontos, sendo: 0 a 4 pontos – sem incapacidade; de 5 a 14 pontos – incapacidade leve; de 15 a 24 – incapacidade moderada; de 25 a 34 - incapacidade grave; e de 35 a 50 – incapacidade completa (Silva *et al.*, 2017).

Para a avaliação da Qualidade de Vida foi utilizado o questionário SF-36, desenvolvido por Ware e Sherbourne (1992), traduzido e validado em 1997 para a língua portuguesa por Ciconelli *et al.* (1999), constituído por 36 itens divididos em 8 domínios que incluem a capacidade funcional, vitalidade, dor, aspectos sociais, estado geral de saúde, aspectos físicos, aspectos emocionais e saúde mental. Em relação a pontuação,

apresenta um escore final de 0 a 100, em que 0 equivale ao pior estado geral de saúde e 100 ao melhor estado de saúde (Ciconelli *et al.*, 1999; Bacchi *et al.*, 2013). Ao final das entrevistas foi entregue um folder educativo contendo orientações posturais e exercícios terapêuticos, para serem realizados ao longo da jornada de estágio, afim de evitar a permanência em posturas inadequadas e prevenir sobrecargas na coluna cervical e algias.

Os dados foram analisados de forma descritiva utilizando o programa *Excel* (*Microsoft for Windows*, versão 2013) para o armazenamento das informações e a realização dos cálculos de medidas de tendência central e dispersão. Na estatística inferencial foi utilizado o *software* IBM SPSS versão 22.0, com aplicação do teste de correlação de *Pearson*. Foi considerado o Intervalo de Confiança de 95% (IC95%), com a significância de 95% ($p < 0,05$).

RESULTADOS

A amostra do estudo foi constituída por 36 acadêmicos. Todos os participantes contribuíram com a pesquisa e preencheram os critérios de inclusão, dessa forma, não houve perdas na amostra. A média de idade foi de $22,52 \pm 3,17$ anos, variando entre 20 e 35 anos. A quantidade de participantes do gênero feminino ($n=31$) foi superior à do masculino ($n=5$). Destaca-se que 52,78% dos universitários praticam atividade física. As demais características sociodemográficas estão expressas na Tabela 1.

Tabela 1 - Distribuição das características quanto ao gênero, faixa etária, etnia, realização e frequência de atividade física, entre acadêmicos ($n=36$) de uma IES em Santarém, Pará, 2023.

Características	N	%
Gênero		
Feminino	31	86,11%
Masculino	5	13,89%
Faixa etária (anos)		
20 a 30	34	94,44%
31 a 35	2	5,56%
Etnia		
Branco	9	25%
Pardo	26	72,22%
Preto	1	2,78%
Pratica atividade física?		
Sim	19	52,78%
Não	17	47,22%
Com que frequência?		
1 x na semana	1	2,78%
2 x na semana	2	5,56%
3 x na semana	6	16,67%
4 x na semana	10	27,77%
Não pratica atividade física	17	47,22%

Total	36	100%
--------------	-----------	-------------

Fonte: Albuquerque *et al.*, 2023.

Houve prevalência de dor cervical durante os estágios em 91,67% dos acadêmicos participantes da pesquisa. Apenas 3 indivíduos afirmaram não sentir dor nesse segmento da coluna vertebral. Em relação ao tempo em que a dor persiste, 58,33% mencionaram queixas há mais de 2 anos. Além disso, a intensidade avaliada por meio da Escala EVA evidenciou que a dor moderada e a forte prevaleceram, ambas em 38,89% da amostra, conforme a Tabela 2.

Tabela 2 - Distribuição das características quanto ao tempo, frequência e intensidade da dor cervical entre os acadêmicos (n=36) de uma IES em Santarém, Pará, 2023.

Características	N	%
Há quanto tempo sente dor cervical?		
7 dias	2	5,56%
15 dias	1	2,78%
30 dias	3	8,33%
6 meses	1	2,78%
1 ano	5	13,89%
Há mais de 2 anos	21	58,33%
Não sente dor cervical	3	8,33%
Com que frequência?		
1 x na semana	13	36,11%
2 x na semana	8	22,22%
3 x na semana	4	11,11%
4 x na semana	2	5,56%
5 x na semana	6	16,67%
Não sente dor cervical	3	8,33%
Escala EVA		
Ausência de dor (0)	3	8,33%
Leve (1 – 3)	5	13,89%
Moderada (4 – 7)	14	38,89%
Forte (8 – 10)	14	38,89%
Total	36	100%

Fonte: Albuquerque *et al.*, 2023.

A Tabela 3 revela os resultados da classificação do Índice de Incapacidade Funcional Relacionada ao Pescoço, identificando os graus de acordo com os escores estabelecidos na literatura. Na amostra prevaleceu a incapacidade moderada em 60,61% dos participantes e 30,30% apresentaram incapacidade grave.

Tabela 3 - Classificação do Índice de Incapacidade Funcional Relacionada ao Pescoço entre os acadêmicos (n=33) de uma IES em Santarém, Pará, 2023.

Graus/Variáveis	N	%
Sem incapacidade	0	
Incapacidade leve	3	9,09%
Incapacidade moderada	20	60,61%
Incapacidade grave	10	30,30%
Incapacidade complete	0	
Total	33	100%
Média Aritmética	21.1212	
Desvio Padrão	6.1632	
Coefficiente de Variação	29.18%	

Fonte: Albuquerque *et al.*, 2023.

Na avaliação da qualidade de vida pelo instrumento SF-36, a pontuação da escala pode variar entre zero a 100, sendo que quanto maior o resultado, maior é a qualidade de vida. Observa-se que o escore médio de qualidade de vida foi de $94,81 \pm 4,42$ pontos. A capacidade funcional foi o domínio mais relevante com média de 73,89, enquanto que a dor apresentou o menor valor (40,83), conforme a Tabela 4. Como a média geral dos domínios (94,81 pontos) foi elevada, apresentando-se superior a 50 e próximo do valor máximo (100), somado a escores de domínios que alcançaram 100 pontos, considera-se favorável o índice de qualidade de vida dos universitários participantes da pesquisa.

Tabela 4 - Valores dos domínios avaliados pelo SF-36 sobre qualidade de vida entre os acadêmicos (n=36) de uma IES em Santarém, Pará, 2023.

Domínios do SF-36	Média	Desvio padrão	Mínimo	Máximo	Coefficiente de variação
Capacidade funcional	73,89	18,63	30	100	25,22
Limitação por aspectos físicos	56,94	35,66	0	100	62,63
Dor	40,83	17,62	0	70	43,17
Estado geral de saúde	47,08	9,44	30	70	20,05
Vitalidade	45,28	8,61	30	60	19,02
Aspectos sociais	47,57	12,61	25	75	26,52
Limitação por aspectos emocionais	50,94	44,03	0	100	86,44

Saúde mental	59,11	9,02	40	80	15,27
SF36 – total	94,81	4,42	81	100	19,59

Fonte: Albuquerque *et al.*, 2023.

A Tabela 5 apresenta a correlação entre as características da amostra e os domínios do SF-36. Observa-se que não houve correlação significativa entre gênero, idade ou a quantidade de horas que permanece sentado com os domínios do SF36. Houve correlação significativa, moderada e positiva entre a prática de atividade física e o domínio capacidade funcional. Entretanto, a não realização de exercício físico se correlacionou com estado geral de saúde, podendo repercutir negativamente nesse domínio. A presença de dor na região cervical apresentou correlação significativa com o domínio de dor. Por fim, o tempo que sente dor se correlacionou significativamente com o estado geral de saúde.

Tabela 5 - Correlação de *Pearson* entre as características dos participantes e os domínios do SF36 entre os acadêmicos (n=36) de uma IES em Santarém, Pará, 2023.

Variável	Capacidade funcional	Limitação por aspectos físicos	Dor	Estado geral de saúde	Vitalidade	Aspectos sociais	Limitação por aspectos emocionais	Saúde mental
Gênero	0,177	-0,194	0,027	-0,090	-0,155	-0,083	0,208	-0,213
Prática atividade física	0,442**	0,147	-0,051	-0,416*	0,195	-0,297	0,255	0,131
Sente dor cervical	-0,046	-0,012	0,361*	0,067	-0,168	-0,362*	-0,186	-0,030
Idade	0,027	-0,071	0,104	-0,209	-0,032	0,211	-0,074	0,180
Horas que permanece no estágio	-0,101	0,004	-0,018	0,232	0,089	0,223	-0,051	-0,114
Tempo que sente dor	-0,237	0,174	0,266	0,349*	-0,317	0,101	-0,252	-0,232

Obs: Gênero: 1F, 2M; Atividade física: 1 Sim, 0 Não; Dor: 1 Sim, 0 Não;

**Correlação é significativa $p < 0.01$;

*Correlação é significativa $p < 0.05$.

Fonte: Albuquerque *et al.*, 2023.

DISCUSSÃO

Após a análise dos resultados, verificou-se preponderância do gênero feminino (86,11%) na amostra deste estudo, se assemelhando aos achados de Brum *et al.* (2020), que investigaram os possíveis efeitos do uso do *Stiper*® em casos de cervicálgia inespecífica em acadêmicos do curso de Odontologia, em fases de práticas clínicas, no

Sul do Brasil, evidenciando que 88,9% da amostra era composta por mulheres. Além deste, fato similar se observa no estudo conduzido por Silva *et al.* (2017) que buscou analisar a prevalência de cervicalgia em estudantes de Odontologia de um Centro Universitário, sendo que dos 67 acadêmicos participantes, 42 (62,7%) eram do gênero feminino e 25 (37,3%) do gênero masculino. Na pesquisa de Borges *et al.* (2019), 86,7% dos participantes graduandos de Odontologia de uma universidade privada, eram do sexo feminino, com média de idade de 22,9 anos.

Em relação a cervicalgia avaliada no presente estudo, evidenciou-se que 91,67% da amostra relatou sentir dor cervical durante os estágios, sendo que destes, 58,33% mencionaram que os sintomas álgicos perduram por mais de 2 anos, ou seja, se tornou um quadro de cervicalgia crônica em que a dor moderada e a forte prevaleceram, ambas em 38,89% da amostra.

Nesse sentido, os sintomas de dor musculoesquelética podem surgir devido a diversos fatores, dentre estes, a movimentação repetitiva durante extensas horas de prática laboral e posturas inadequadas, podendo sofrer agravamentos em virtude da ausência de tratamento, escassez de educação em saúde relacionada aos cuidados posturais e possíveis condutas para alívio da dor, como alongamento das cadeias musculares acometidas pela cervicalgia. Os distúrbios musculoesqueléticos, de acordo com Sangalli *et al.* (2023), são recorrentes no ramo da Odontologia, com início na graduação, e possuem risco médio-alto de acometimento, sendo responsáveis por grande parte dos problemas de saúde ocupacional nessa área profissional.

A pesquisa de Mazzucco *et al.* (2017) corrobora com os achados do presente estudo a respeito da preponderância de desconfortos álgicos na região cervical de acadêmicos de Odontologia da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), sendo demonstrado pelos autores que uma das principais regiões acometidas foi o pescoço (coluna cervical), correspondendo a 61,4% da amostra. Semelhantemente, ainda se tratando da região acometida, nos achados do estudo Brum *et al.* (2020), a incidência de dor no pescoço, ombros e acima das escápulas foi referida por 55,6% dos participantes, 11,1% referiram dor somente no pescoço, sendo que 77,8% relataram dor diária, com intensidade grau 5, de acordo com a Escala Visual Analógica.

Além disto, o mesmo estudo apontou que grande parte dos acadêmicos relatou o surgimento do sintoma doloroso há pelo menos um ano, caracterizando a dor como crônica, semelhante ao presente estudo. Ainda, toda a amostra referiu piora do sintoma

ao longo do dia e com a realização de tarefas cotidianas. Dentre os participantes, 66,7% fazia uso de relaxante muscular (Brum *et al.*, 2020). Na pesquisa de Sabbagh *et al.* (2023), 67,7% dos participantes (acadêmicos de Odontologia de uma universidade na Arábia Saudita), não tomaram nenhuma medida para aliviar os sintomas e a maioria relatou atividade física limitada.

Em relação à incapacidade funcional da região cervical, evidenciou-se que 60,61% da amostra foi classificada com incapacidade moderada e 30,30% com incapacidade grave, sendo que todos os acadêmicos que relataram dor na região cervical têm algum grau de incapacidade funcional. Considerando a dor cervical somada a postura flexora inadequada adotada por longos períodos no ambiente de estágio, aliado a ausência de atividade física, estes podem ser os fatores desencadeantes da incapacidade presente na amostra (Özdiñç *et al.*, 2019).

Corroborando com esses achados, Sato *et al.* (2019) verificaram que a posição sentada e cabeça flexionada são considerados fatores preditivos que pode intensificar o estresse biomecânico e alterar as curvaturas fisiológicas da coluna vertebral, comprometendo a mobilidade dessa região. No estudo de Brum *et al.* (2020), 33,3% dos acadêmicos de Odontologia com cervicália inespecífica indicaram interferência da dor na flexão cervical, acentuando-se ao movimento.

Tratando-se da repercussão funcional do sintoma doloroso apresentado pelos acadêmicos do presente estudo, verificou-se que este interfere negativamente nos aspectos sociais e na rotina de estágio. Condiz com estes achados os resultados apresentados no estudo de Borges *et al.* (2019), que contou com uma amostra de 75 indivíduos ligados a prática da Odontologia, sendo que os participantes relataram que os sintomas dolorosos, incluindo a dor presente na coluna cervical, restringiam a realização de atividades cotidianas, interferindo em suas rotinas diárias, além disso, também evidenciaram que o posicionamento adotado em procedimentos odontológicos com anteriorização da cabeça durante o atendimento, pode gerar dores cervicais.

Em relação a atividade física, 52,78% da amostra pratica algum exercício regularmente. Assim, identificou-se que a prática de atividade física possui correlação significativa com o domínio capacidade funcional do SF36, mostrando-se benéfica e influenciando positivamente a qualidade de vida. No entanto, 47,22% da amostra relatou não praticar nenhum exercício físico, apresentando correlação significativa com o domínio estado geral de saúde. Considerando o sedentarismo, este pode predispor o

indivíduo à fadiga e/ou tensão muscular, desconfortos e sobrecargas osteomioarticulares segundo Bentes *et al.* (2018), principalmente quando associado a hábitos de vida inadequados e irregularidades ergonômicas encontradas no ambiente de estágio.

Brum *et al.* (2020) identificaram que 55,6% dos participantes não realizavam atividade física e correlacionaram a dor cervical com o sedentarismo e maus hábitos alimentares, bem como com a ausência ou diminuição de prática de exercícios físicos. Ainda, no estudo de Borges *et al.* (2019), os acadêmicos de Odontologia avaliados foram classificados em três grupos de acordo com o Questionário Internacional de Atividade Física, sendo 24% ativos, 38,7% insuficientemente ativos e 37,3% sedentários, revelando que pessoas sedentárias ou insuficientemente ativas têm maior predisposição a apresentarem quadros algícos.

No estudo de Silva *et al.* (2017) houve correlação entre a falta de prática de atividade física com a ocorrência de dor cervical, onde concluíram que a falta de condicionamento físico pode levar a fraqueza muscular e sobrecarga de várias regiões do corpo durante a prática da Odontologia. Sezer *et al.* (2022) também evidenciaram que a atividade física regular tem efeito significativo na saúde física, porém a sua redução afeta negativamente a saúde geral, associada a uma diminuição progressiva da força e da flexibilidade muscular.

Em relação a análise da qualidade de vida constatou-se escore elevado para o domínio capacidade funcional (73,89 em 100), seguido por saúde mental (59,11 em 100) corroborando com os achados de Barroso *et al.* (2023) onde perceberam que a capacidade funcional também foi o aspecto que manteve maior média entre os universitários (88,07 em 100), incluindo acadêmicos de Odontologia. Além disso, os mesmos autores verificaram que o menor escore foi observado no domínio vitalidade (45,63 em 100), no entanto, no presente estudo foi identificado menor valor no domínio dor (40,83 em 100).

Sezer *et al.* (2022), a partir de um estudo que objetivou investigar a frequência e a distribuição anatômica dos sintomas musculoesqueléticos e seus efeitos na qualidade de vida em estudantes de Odontologia, identificaram que esta é a profissão em que variáveis físicas e mentais afetam a qualidade de vida dos dentistas, podendo ser agravada em seus estudantes devido certa inexperiência clínica e pela rotina do ambiente. Além disso, Sulimany (2021) afirma que dores cervicais representam um problema de saúde relevante para estudantes de Odontologia, sendo de suma importância adaptar as atividades durante a graduação para que sejam prazerosas, com menos fadiga física e mental, menos dores,

além de fornecer boas condições de trabalho para melhorar a qualidade de vida desses indivíduos.

Considerando os achados deste estudo e a associação com a literatura atual, considera-se que a cervicalgia pode afetar inúmeras áreas da vida do indivíduo, principalmente do universitário, interferindo na sua produtividade, nas atividades acadêmicas, no ambiente de estágio e até mesmo na sua qualidade de vida. É importante destacar que houveram limitações na execução deste estudo como: tamanho da amostra limitado, uma vez que o estudo foi realizado apenas com estudantes de Odontologia de uma única universidade, não havendo a adesão e interesse conforme esperado pelos pesquisadores, nem comparação entre duas ou mais universidades, considerando que os resultados podem variar devido diferenças em fatores ambientais, educacionais e estruturais entre universidades públicas e privadas.

CONCLUSÃO

A partir da análise dos resultados, percebe-se que houve elevada prevalência de dor na coluna cervical, entre os acadêmicos de Odontologia de uma IES na cidade de Santarém, Pará. Os universitários com cervicalgia apresentam algum nível de incapacidade funcional, destacando-se as incapacidades moderada e grave. O escore médio da qualidade de vida apresentou-se satisfatório, no entanto, houve correlação significativa entre a presença de cervicalgia e o domínio dor, bem como, o tempo que sente dor com o estado geral de saúde, indicando que a dor cervical interfere na qualidade de vida da amostra.

Sugere-se que a partir desse estudo, investigações mais robustas sejam realizadas, que envolvam aspectos da qualidade de vida e incapacidade funcional em indivíduos com cervicalgia, com metodologias criteriosas para melhor entender os mecanismos da dor nesse público, bem como, para que seus resultados possam subsidiar medidas de prevenção, com a criação de estratégias que previnam o adoecimento desses indivíduos.

REFERÊNCIAS

Bacchi, C. de A. et al. Avaliação da qualidade de vida, da dor nas costas, da funcionalidade e de alterações da coluna vertebral de estudantes de fisioterapia. **Motriz: Revista de Educação Física**, v. 19, p. 243-251, 2013.

- Barroso, S. M. et al. Impacto da Solidão na Qualidade de Vida de Universitários de Minas Gerais. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 43, p. e243909, 2023.
- Bentes, R. do N. et al. Exploração da prevalência de sintomas osteomioarticulares cervicais em universitários. **Fisioterapia Brasil**, v. 19, n. 5, 2018.
- Bernardelli, R. S. et al. Aplicação do refinamento das regras de ligação da CIF à Escala Visual Analógica e aos questionários Roland Morris e SF-36. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, p. 1137-1152, 2021.
- Borges, B. K. A. et al. Autopercepção no Índice de Disfunções Osteomusculares em Acadêmicos de Odontologia Sedentários e Não Sedentários. **Revista Unimontes Científica**, v. 21, n. 2, p. 29-41, 2019.
- Brum, C. F. M. et al. Efeitos do Stiper® no tratamento de cervicalgia em acadêmicos de odontologia: ensaio piloto. **BrJP**, v. 3, p. 136-141, 2020.
- Ciconelli, R. M. et al. Tradução para a língua portuguesa e validação do questionário genérico de avaliação de qualidade de vida SF-36 (Brasil SF-36). **Rev bras reumatol**, v. 39, n. 3, p. 143-50, 1999.
- Cook, C. et al. Cross-cultural adaptation and validation of the Brazilian Portuguese version of the Neck Disability Index and Neck Pain and Disability Scale. **Spine**, v. 31, n. 14, p. 1621-1627, 2006.
- Mazzucco, A.; Souza, L. A. Posturas adotadas durante os procedimentos odontológicos e os seus impactos biomecânicos. **Inova Saúde**, v. 6, n. 1, p. 226-243, 2017.
- Moreira, L. B.; Pataro, S. M. S. Frequência de cervicalgia, dependência de smartphone e incapacidade cervical em graduandos de fisioterapia. **Revista Baiana de Saúde Pública**, v. 46, n. 3, p. 242-257, 2022.
- Özdiñç, S. et al. Musculoskeletal problems in academicians and related factors in Turkey. **Journal of back and musculoskeletal rehabilitation**, v. 32, n. 6, p. 833-839, 2019.
- Sabbagh, H. J. et al. Effect of ergonomics awareness in controlling work-related musculoskeletal-pain among dental students: A cross-sectional study. **Work**, n. Preprint, p. 1-9, 2023.
- Safiri, S. et al. Global, regional, and national burden of neck pain in the general population, 1990-2017: systematic analysis of the Global Burden of Disease Study 2017. **bmj**, v. 368, 2020.
- Sangalli, L. et al. Assessment of dental ergonomics among dental students: A retrospective study. **Journal of Dental Education**, 2023.
- Sato, M. I. et al. Cervicalgia entre estudantes de medicina: uma realidade multifatorial. **Revista da Faculdade de Ciências Médicas de Sorocaba**, v. 21, n. 2, p. 55-58, 2019.

Sezer, B. et al. Association between work-related musculoskeletal symptoms and quality of life among dental students: a cross-sectional study. **BMC Musculoskeletal Disorders**, v. 23, p. 1-9, 2022.

Silva, A. de F. et al. Prevalência de cervicalgia em acadêmicos de odontologia de um centro universitário. **Revista Portal: Saúde e Sociedade**, v. 2, n. 2, p. 422-434, 2017.

Silva, T. da et al. Qualidade de vida e prevalência de dor na região cervical em acadêmicos. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, n. 39, p. e2021-e2021, 2020.

Sousa, A. K. C. et al. Prevalência de cervicalgia em estudantes universitários: uma revisão integrativa. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 14, p. e53101422004-e53101422004, 2021.

Sulimany, A. M. Cervical and Lumbar Pain among Dental Interns in Saudi Arabia: A National Cross-sectional Study. **The Journal of Contemporary Dental Practice**, v. 22, n. 8, p. 860-866, 2021.

Tourinho, C. R. R. P.; Junior V. S. Cervicalgia Inespecífica em Estudantes de Fisioterapia de uma Instituição Privada/Nonspecific Cervicalgia in Physiotherapy Students from a Private Institution. **ID on line. Revista de**

Ware, J.R., J. E.; Sherbourne, C. D. The MOS 36-item short-form health survey (SF-36): I. Conceptual framework and item selection. **Medical care**, p. 473-483, 1992.